

# LINGUASAGEM

RESENHA: RABATEL, COUTO, Elza K. N. N. do; RAMADAN, Maria I. B. **Análise do Discurso Ecolinguística: teias e trilhas do ecossistema mental**. São Paulo: Pontes, 2024.

Erick Samuel Silva Thomas<sup>1</sup>

Esta resenha procura apresentar os principais aspectos da obra *Análise do Discurso Ecolinguística: teias e trilhas do ecossistema mental*, de Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto e Maria Ivoneti Busnardo Ramadan, publicada em 2024. Nessa obra, as autoras discutem a *Análise do Discurso Ecolinguística* (ADE), priorizando o ecossistema mental, ressaltando os caminhos e destacando as principais teorias que contribuem para a constituição desse ecossistema.

Publicada pela Editora Pontes, a obra possui quatro capítulos, além da introdução, considerações finais e referências, e foi prefaciada pela Doutora e Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Zilda Dourado Pinheiro, que ressalta as inovações que a obra apresenta: a ética do cuidado, a vulnerabilidade e a transdisciplinaridade.

Antes de adentrarmos a obra, é importante apresentarmos a biografia das autoras. Elza Kioko é professora associada da Universidade Federal de Goiás, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL). Orienta trabalhos de mestrado e doutorado na área da Linguística com ênfase em análise do discurso, ecolinguística, linguística ecolinguística, análise do discurso ecolinguística e antropologia do imaginário. Fez o mestrado e doutorado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica - SP. É líder no Diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Núcleo de Ecolinguística e Imaginário (NELIM). Publicou os livros *Em busca da casa perdida: Vozes e imaginário de meninos de rua* (2005), *Ecolinguística e imaginário* (2012) e *Ecolinguística: Um diálogo com Hildo Honório do Couto* (2013).

---

<sup>1</sup> Mestre (2024) e Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal de Goiás. Email: [thomaserick98@gmail.com](mailto:thomaserick98@gmail.com).

Maria Ivoneti é doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e fez mestrado em Literatura e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dedicou-se aos estudos interdisciplinares, conjugando as teorias da literatura, da linguística e da teoria da enunciação com a antropologia do imaginário, de Gilbert Durand, voltada para a compreensão das bases míticas e simbólicas do pensamento humano.

No que diz respeito à obra *Análise do Discurso Ecológico: teias e trilhas do ecossistema mental*, as autoras ressaltam, na introdução, a importância de um paradigma científico que busque a compreensão multidimensional do ser humano e da sociedade: o homem, não sendo só razão, é também criação biológica, psíquica, social e afetiva, inserido em uma sociedade cada vez mais diversa e plural. Assim, para as autoras, outra conquista decorrente desse paradigma científico é a descoberta de como funciona o cérebro, o que ajuda a entender a mente como um *software*, que atua por meio de um *hardware*, o cérebro este, por sua vez, acoplado a um corpo físico (Couto; Ramadan, 2024).

No primeiro capítulo, *Análise do Discurso Ecológico (ADE)*, as autoras nos apresentam os princípios teórico-metodológicos da ADE, visto que ela é “uma manifestação ativa de uma perspectiva que atua em favor da harmonia, baseada nos preceitos da Ecologia Profunda (EP)” (Couto; Ramadan, 2024, p. 20). A Ecologia Profunda, por sua vez, proposta em 1973 pelo filósofo norueguês Arne Naess, se sustenta nos fundamentos da Ecologia, acenando para uma nova maneira de ver o mundo e de entender a relação entre os humanos com eles mesmos e com a natureza.

Neste capítulo inicial, a ADE é compreendida como uma abordagem que estuda o discurso interlocucional, que se dá nas interações entre pessoas e seu meio (interação pessoa-mundo) e as interações entre as pessoas (interação pessoa-pessoa). O primeiro tipo de interação se chama referência, pois se dedica à relação palavra-coisa; já o segundo é a comunicação ou interação comunicativa (Couto; Ramadan, 2024). Dessa forma, por ser parte da Ecologia, a ADE é uma maneira de fazer linguística a partir do seu interior, e não do seu exterior. Desse modo, partir de fora seria, por exemplo, discutir o texto-discurso sem ir ao lócus da interação desenvolvida em uma determinada comunidade. Partir de uma perspectiva interna é empregar os princípios da própria Ecologia para analisar como são as relações entre viventes na interação com o habitat. Desse modo, o intuito dessa perspectiva seria analisar o discurso nos aspectos dinâmicos das interações sociais entre os sujeitos e da interação dos sujeitos com eles mesmos e com seu contexto.

Sob uma ótica ecológico-filosófica, a ADE situa-se dentro da Visão Ecológica do Mundo (VEM), que se refere a um modo de ver o ser humano e suas interações com o cosmos que não seja a partir de um centro, seja teocêntrico ou antropocêntrico, mas sim de inter-relações e interdependências, numa imensa rede de interações, ecocêntrico.

No capítulo 2, *Ecossistema Mental*, as autoras apresentam uma análise a respeito da nomenclatura e dos aspectos gerais relacionados ao conceito de ecossistema mental (EM). Elas discutem a proposta de alteração do termo *ecossistema mental* para alternativas como *ecossistema biopsico-cognitivo* ou *ecossistema mente-corpo*, apontando a falta de clareza de alguns pesquisadores na abordagem da relação entre cérebro, mente, psique e corpo em suas metodologias. No entanto, as professoras defendem a manutenção da nomenclatura original, pois ela cria um paralelismo com outros tipos de ecossistemas (natural e social), além de resgatar a integração entre psique, cérebro, mente e corpo, que são considerados indissociáveis.

Neste capítulo, o ecossistema mental, de acordo com as autoras, deve ser entendido como um conjunto que transcende a separação entre os diferentes componentes da experiência humana. Nele, a psique, o cérebro, a mente e o corpo não são vistos como entidades isoladas, mas como elementos entrelaçados por processos neurais. Essa abordagem busca refletir a complexidade das interações entre esses componentes, enfatizando a interdependência entre eles no processo de construção do sujeito (Couto; Ramadan, 2024).

Elas também exploram a relação do ecossistema mental com a produção e reprodução do discurso, argumentando que qualquer forma de discurso está necessariamente enraizada em um meio ambiente biopsico-cognitivo. O surgimento do discurso envolve tanto processos perceptivos e sensoriais quanto sua manifestação material. O discurso, portanto, não é apenas um ato mental ou verbal, mas depende do corpo, de suas atividades motoras, e dos cinco sentidos, com destaque para a visão e o gesto. A interação entre o olho, como órgão, e a vista, como função biológica, é particularmente enfatizada no capítulo, uma vez que é essencial para a percepção visual e para a constituição de discursos não verbais, como as artes plásticas, por exemplo.

Na parte final do capítulo, Couto e Ramadan (2024) abordam a relação do mental com outras áreas do conhecimento, como Psicolinguística, Linguística Cognitiva e o Imaginário. Elas discutem a importância dessas ciências auxiliares para uma compreensão mais ampla do mental, citando autores e conceitos-chaves dessas áreas. A interdisciplinaridade, nesse contexto, se apresenta como essencial para uma análise mais

profunda das dinâmicas do ecossistema mental e suas implicações para a psicologia, linguística e estudos do imaginário.

No capítulo 3, *ADE, as neurociências e os pressupostos junguianos*, as autoras descrevem as neurociências apresentando uma análise enriquecedora dos conceitos centrais que estruturam a compreensão do cérebro, da mente e da psique humana (Couto; Ramadan, 2024). O capítulo se inicia com uma exposição dos fundamentos e conceitos essenciais das neurociências, estabelecendo a importância do cérebro como centro de processamento de informações e suas funções biológicas. Ao definir o cérebro, a obra remonta à origem do termo, que vem do latim *Cerebrum*. Essa palavra “teria surgido a partir da partícula indo-europeia KER, que significa ‘o alto da cabeça’”. (Couto; Ramadan, 2024, p. 85).

Em seguida, o conceito de mente é abordado, destacando sua natureza abstrata e sua relação intrínseca com os processos cerebrais, mas também com a subjetividade e a construção simbólica do indivíduo. A mente é descrita como o domínio das representações mentais, pensamentos e emoções, que vão além das explicações puramente biológicas. A psique, por sua vez, é apresentada dentro da perspectiva junguiana, onde ganha uma conotação mais ampla e holística, envolvendo não apenas a consciência, mas também o inconsciente, sendo um campo dinâmico de imagens e arquétipos que governam nossas experiências e interações com o mundo (Couto; Ramadan, 2024).

A obra de Carl Jung é citada como uma das principais influências para o entendimento do funcionamento psíquico, e a aplicação de seus pressupostos no estudo do inconsciente coletivo se faz presente ao longo do capítulo. A análise junguiana, com seu enfoque nos arquétipos, é conectada com as manifestações simbólicas presentes na arte, literatura e cultura popular. Como exemplos, o capítulo analisa textos poéticos de Fernando Pessoa e a música *Metade (1997)*, de Oswaldo Montenegro, que são interpretados à luz dos arquétipos junguianos. A música, com seu tema de dualidade e busca pela totalidade, reflete a ideia de incompletude humana, enquanto os poemas de Pessoa exploram a fragmentação da identidade e o dilema existencial do ser.

Ademais, o capítulo se aprofunda na ideia de comunicação arquetípica, que transcende o nível verbal e se manifesta em símbolos, mitos e metáforas universais que permeiam todas as culturas. A linguagem, nesse sentido, é vista como um meio através do qual os arquétipos se comunicam com a consciência humana, revelando verdades universais e moldando a experiência do indivíduo no mundo. A utilização de mitos, como

a figura do herói ou a jornada do inconsciente, ilustra como essas narrativas arquetípicas se manifestam de maneira constante nas culturas, funcionando como veículos de comunicação profunda.

Finalmente, o capítulo aborda o trabalho do neurocientista António Damásio e a importância das imagens no processo de tomada de decisão e na construção da identidade. As imagens, segundo Damásio, são fundamentais para o entendimento da cognição humana, pois não são meras representações sensoriais, mas também carregam significados emocionais e existenciais que nos orientam em nosso comportamento e escolhas. Exemplo disso pode ser visto em estudos sobre o efeito das emoções na formação de julgamentos racionais, bem como a ideia de que nossas experiências emocionais moldam a forma como percebemos e interagimos com o mundo ao nosso redor.

No último capítulo, *Análises segundo a ADE*, é realizada uma análise de uma propaganda televisiva vinculada a um projeto da empresa *You, Inc.*, que foi veiculada no *YouTube*. A propaganda, que se refere a um projeto na Rua Oscar Freire, no bairro Jardins, em São Paulo, serve como ponto de partida para uma discussão mais ampla sobre o impacto da mídia, a construção de imagens e os conceitos de memória e identidade nas sociedades contemporâneas.

A partir da análise dessa propaganda, o capítulo explora as estratégias utilizadas para criar uma narrativa visual e emocional que visa conectar o espectador à marca e ao projeto. A rua Oscar Freire, localizada em uma das regiões mais sofisticadas de São Paulo, é retratada de maneira a evocar um senso de exclusividade e prestígio, reforçando a associação do projeto à oferta de bens às classes privilegiadas em uma cidade marcada por histórica desigualdade social. A propaganda utiliza elementos simbólicos, como a estética limpa e moderna, para criar uma sensação de desejo e pertencimento, elementos que são fundamentais na construção de uma narrativa publicitária.

A discussão sobre memória é aprofundada por meio da obra de autores como Santo Agostinho, Gilbert Durand e Gaston Bachelard, cujas teorias são integradas ao exame do conto literário *A Sétima Arte* (1989), de Milton Hatoum, no qual o narrador-seringueiro, morador da Floresta Amazônica, sofre as agruras de ver-se apartado do espaço natural, por ter de assumir a função de guarda-noturno, dentro de uma guarita. Através dessas contribuições teóricas, o capítulo mostra como a memória não é algo estático, mas um processo dinâmico e reconstruído constantemente, seja na literatura, na mídia ou nas práticas culturais em geral. A memória, de acordo com Agostinho, é algo

que se entrelaça com o tempo e com a experiência, e essa reconstrução do passado não é meramente um retorno ao que foi vivido, mas uma reinterpretação contínua do presente. Gilbert Durand complementa essa perspectiva ao sugerir que as imagens construídas pela sociedade, incluindo aquelas veiculadas pela propaganda, são repositórios da memória coletiva, que moldam a forma como os indivíduos percebem e se relacionam com o mundo.

É importante mencionar que o livro *Análise do Discurso Ecológico: Teias e trilhas do ecossistema mental* é relevante por apresentar a ADE e especialmente o ecossistema mental, assim como suas características primordiais. Ao utilizar uma linguagem simples e objetiva, Couto e Ramadan (2024) nos apresentam uma obra de vital relevância para o desenvolvimento da Análise do Discurso Ecológico (ADE), além de contribuir para as ciências cognitivas. É uma obra que influencia o desenvolvimento de pesquisas, como trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, que investiguem fenômenos sociais a partir dos diversos eventos comunicativos da linguagem.

Compreendemos a importância e a contribuição da teoria defendida pelas autoras para o ambiente acadêmico. A obra em questão é uma leitura essencial para estudantes universitários de graduação e de pós-graduação que procuram aprofundar seus conhecimentos em Linguagem, Análise do Discurso, Cognição, entre outras áreas. Trata-se de um texto instigante e desafiador, mas sem exigir uma base teórica sólida em áreas correlatas como aquelas citadas, bem como uma disposição para a reflexão crítica e a análise detalhada.

Partindo da posição de estudante de pós-graduação, recomendamos a leitura e a análise dessa obra para aqueles que desejam não apenas absorver informações, mas questionar, debater e construir um entendimento mais profundo dos temas abordados. Como foi dito, o livro apresenta uma linguagem simples, o que não compromete o entendimento das discussões e análises. Este livro serve como um convite para nos aprofundarmos em outros conhecimentos e expandirmos nosso horizonte intelectual. Ele nos desafia a transcender as fronteiras de uma única disciplina e a explorar conexões mais amplas entre diferentes campos do saber.

## REFERÊNCIAS

RABATEL, COUTO, Elza K. N. N. do; RAMADAN, Maria I. B. **Análise do Discurso Ecológico: teias e trilhas do ecossistema mental**. São Paulo: Pontes, 2024.

**Como referenciar esta resenha:**

THOMAS, Erick Samuel Silva. RESENHA: RABATEL, COUTO, Elza K. N. N. do; RAMADAN, Maria I. B. Análise do Discurso Ecológico: teias e trilhas do ecossistema mental. São Paulo: Pontes, 2024. **revista Linguagem**, São Carlos, v.48, n.1, p. 505-511, 2025.

*Submetido em: 20/04/2025*

*Aprovado em: 03/06/2025*